A Bicicleta Do Condenado

(Fernando Arrabal)

PERSONAGENS

TASLA
VILORO
PASO
DOIS HOMENS

ATO ÚNICO

(Tasla ao centro do palco imita a estátua da justiça, sem a venda nos olhos; à direita, por trás do muro, dos Homens com características de policiais, e à esquerda, sentado no banco do piano, Viloro encara a platéia. Depois de algum tempo vê-se surgir das costas de Viloro, como se fosse parte dele, Paso que ostenta uma coroa na cabeça. Black-out.

Palco pouco iluminado. À direita, muito ao fundo, um pequeno muro de 1,30 m por 3 m. À esquerda, um piano. Viloro toca piano apenas com um dedo, muito desajeitadamente. Ensaia a escala musical

— Dó, ré, mi, fá, lá.

Gesto de contrariedade. Silêncio. Tenta recomeçar a escala. Toca muito lentamente para não se enganar.

— Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó.

Grande alegria. Viloro esfrega as mãos de contentamento, mas apesar de tudo, um pouco timidamente. Silêncio. Recomeça a tocar cheio de confiança..

— Dó, ré, mi, fá, sol.

Trejeito de contrariedade. Ouvem-se risos ao fundo. Viloro volta-se receosamente. Ao fundo distinguem-se dois homens por detrás do muro. Viloro olha para eles. Os homens tornam-se bruscamente sérios. Olham também para Viloro. Silêncio. Viloro recomeça a tocar:

— Dó, ré, mi, fá, sol, ré.

Trejeito tímido de contrariedade. Risos dos dois homens por detrás do muro. Viloro volta-se e timidamente olha para o fundo. Os homens deixam de rir. Viloro olha para eles. Os homens olham para Viloro seriamente. Silêncio. Viloro tenta ainda fazer a escala:

— Dó, ré, mi, fá, si, ré.

Trejeito tímido de contrariedade. Os homens riem. Viloro olha para eles. Os homens param de rir e olham-se muito seriamente. Silêncio. Viloro prepara-se para recomeçara tocar. Ao fundo, próximo aos dois homens e igualmente por detrás do muro, aparece um terceiro homem. É Paso – um homem de cabelos ruivos. Paso indica Viloro descaradamente com o dedo e ri ruidosamente. Os três homens riem Viloro volta-se receosamente e contempla os homens. Os três deixam de rir. Encaram muito seriamente Viloro, que tenta de novo fazer a escala:

— Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Os três homens riem por detrás do muro e apontam descaradamente com o dedo. Paso, principalmente, ri muito alto. Viloro volta-se receosamente e contempla os três homens. Cessam de rir. Encaram-no seriamente. Silêncio. Viloro toca mais uma vez:

— *Dó, ré, mi, fá, si, sol.*

Os dois homens riem por detrás do muro. Viloro volta-se para eles com ar zangado mas com timidez. Os dois homens param de rir. Encaram-no muito seriamente. Silêncio. Pela esquerda entra uma mulher – TASLA – montada numa bicicleta que transporta à maneira de reboque uma gaiola de madeira. A gaiola tem três pequenas rodas e transporta um homem ruivo. É PASO, com as mãos atadas. Traz uma mordaça. Tasla desce da bicicleta. Dirige-se para Viloro. Os dois homens olham descaradamente para Tasla)

TASLA – Bom dia, Viloro. *(Viloro com gesto de fadiga aponta o muro)*

VILORO – Não fale. Eles estão ali.

TASLA – *(Olha receosamente para os homens)* – Ainda! *(Silêncio. Risos dos homens. Tasla e Viloro voltam receosamente o olhar para o muro. Os dois homens calam-se. Silêncio. Viloro e Tasla olham um para o outro. Os homens desaparecem. Silêncio)*

VILORO – Vê se eles ainda estão lá.

TASLA – Olha você. Tenho medo.

VILORO – Eu também. *(Silêncio. Viloro olha receosamente para o fundo)*

VILORO – *(muito contente)* – Eles já foram embora. *(Tasla olha. O seu rosto ilumina-se)*

TASLA – Finalmente estamos tranqüilos.

VILORO – Temos que esperar. Não vão eles voltar daqui a pouco como fazem algumas vezes?

TASLA – *(Após um silêncio)* – Progrediste?

VILORO – *(Muito contente)* – Oh! Sim. Fiz enormes progressos.

TASLA – Toca para eu ouvir.

VILORO – Tenho um pouco de vergonha.

TASLA – Coragem! Não há motivo para ficar vermelho de vergonha.

VILORO – *(Entusiasmado)* – É sem querer.

TASLA – De repente?

VILORO – Não é bem de repente. . . mas quase.

TASLA – Toca um bocadinho. *(Viloro toca piano: Dó, ré, mi, fá, lá. – Gesto contrariado de Viloro)*

TASLA – Muito bem, Viloro. Você fez um progresso espantoso!

VILORO – Enganei-me no fim. Não percebeste?

TASLA – Não. Realmente não percebi. Fiquei com a boa impressão do começo. Porque no começo se pode dizer que foste extraordinário.

VILORO – Vou tentar tocar tudo sem parar.

TASLA – Tenta. *(Viloro toca piano: Dó, ré, mi, fá, sol. – Gesto de grande contentamento de Tasla e Viloro – lá – a mesma coisa – si – a mesma coisa. Tasla grita "bravo" – mi – gesto de contrariedade de Viloro)*

VILORO – Errei por uma coisinha à toa.

TASLA – *(Entusiasmada)* – Perfeito! Magnífico!

VILORO – Sim, saiu bem. Mas no fim enganei-me numa coisa de nada.

TASLA – Realmente, pode-se dizer que fizeste progressos espantosos.

VILORO – Isso é verdade.

TASLA – Nunca teria imaginado.

VILORO – Lembra do ano passado?

TASLA – Só conseguias tocar as duas primeiras notas.

VILORO – Isso mesmo.

TASLA – Sim, sim, eu me lembro disso.

VILORO – Não há nada melhor do que treinar todos os dias.

TASLA – E ter talento.

VILORO – *(Timidamente)* – Também, é evidente. *(Silêncio. Viloro indica Paso, o homem encerrado na gaiola)*

VILORO – Tens de levá-lo?

TASLA – Tenho.

VILORO – Vão matá-lo?

TASLA – Não sei, mas creio que sim. Eles sabem melhor do que eu.

VILORO – Pesa muito?

TASLA – Mais ou menos. Perdeu muito sangue.

VILORO – Bateram-lhe para o obrigar a confessar?

TASLA – Sim, acho que sim. Eles sabem melhor do que eu.

VILORO – E confessou?

TASLA – Não sei. Mas de qualquer forma isso vem a dar na mesma.

VILORO – Pode falar. *(Pausa)* – Ainda não me beijaste. *(Beijam-se)*

TASLA – *(Indicando o muro)* – Aquilo me incomoda.

VILORO – Mas agora estamos sós. Pelo menos, imagino.

TASLA – Tenho pressa. Tenho que me livrar dele. Você sabe como eles são.

VILORO – Nunca se tem tempo para nada.

TASLA – É, nunca. Tenho que transportar os condenados.

VILORO – É verdade.

TASLA – Olha, trouxe este balão para você brincar.

VILORO – Obrigado, Tasla. *(Viloro coloca o balão azul sobre o piano)*

TASLA – Adeus, Viloro.

VILORO – Adeus, Tasla. *(Tasla monta na bicicleta e sai pela direita. Viloro fica só em cena. Silêncio. Atira uma vez o balão azul ao ar. Puxa-o . Faz o balão saltar duas vezes. Foge-lhe das mãos. Gesto de contrariedade. Risos ao fundo. Viloro volta-se receosamente. Ao fundo, por detrás do muro, aparecem os dois homens. Encaram Viloro sem rir. Viloro olha para eles timidamente. Silêncio. Viloro prepara-se para fazer saltar o balão. Os homens riem. Viloro coloca o balão em cima do piano. Timidamente senta-se para tocar. Os homens deixam de rir. Silêncio. Viloro toca muito lentamente: - Dó, ré, mi, fá, si, ré. Gesto de contrariedade de Viloro. Risos ao fundo. Silêncio. Perto dos dois homens, por detrás do muro, aparece Paso que ri e aponta com o dedo descaradamente para Viloro, que se volta receosamente e olha para os três. Os três param de rir e olham-no seriamente. Viloro volta-se para o piano. Silêncio. Os três desaparecem por detrás do muro. Viloro toca: - Dó, ré, mi, fá, ré. Gesto de contrariedade de Viloro que olha receosamente para um lado e para o outro. Silêncio. Viloro toca com mais alegria: - Dó, ré, mi, fá, sol, lá, ré, sol. Enquanto Viloro tocou a nota ré, Paso e os dois homens entraram pela direita. Colocaram-se junto de Viloro, que parece não Ter dado por nada; está muito aborrecido por não poder tocar bem toda a escala. Silêncio. Viloro prepara-se para tocar mais uma vez. Paso tosse. Silêncio. Viloro levanta timidamente a cabeça. Olha um momento para os três homens que olham também para ele. Baixa rapidamente o olhar. Silêncio)*

PASO – Continuas a tocar? *(Silêncio. Viloro baixa a cabeça cada vez mais)*

PASO – Fica em pé! *(Viloro levanta-se rapidamente)*

PASO – Então? *(Silêncio. Paso ao segundo homem)* – Amarra-o! *(O Homem põe uma algema de ferro à volta dos pés de Viloro. Amarram-lhe os dois pés)*

PASO – Você sabe muito bem que não o direito de tocar piano. *(Silêncio. Viloro levanta receosamente a cabeça)* – Da próxima vez será pior. *(Silêncio. Os três homens saem pela direita. Silêncio. Viloro desce da cadeira e tenta andar. Vai. Pausa. Viloro começa a andar e gatas. Anda rápido. Ficou contente. Percorreu a cena de gatas e relativamente depressa de um lado ao outro. Ficou muito contente. Levanta-se e tenta caminhar devagarinho. Dá alguns*

passos. Ficou muito contente, avança um pouco mais, mas cai. Tem um ar infeliz. Pausa. Consegue chegar junto ao piano e andar de gatas. Levanta-se e de pé tenta andar apoiado ao piano. Consegue dar a volta ao piano sem cair. Está contente. Pausa. Dá a volta ao piano apoiando-se nele com as mãos e sem cair. Está contente, de pé. Levanta-se. Cai. Ar infeliz. Pausa. Viloro dirige-se para o banco do piano. Consegue atingi-lo. Endireita-se e senta. Muito contente, prepara-se para tocar. Toca: - Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Grande alegria de Viloro. Olha para todos os lados cheio de alegria, embora timidamente. – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Grande alegria de Viloro. Pausa. Toca ainda – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Pára bruscamente. Continua a tocar. – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Pára bruscamente e volta – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Esfrega as mãos de contentamento. Cheio de alegria, olha para todas as direções, embora com certa timidez. Toca de novo sem parar – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, do, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré mi, fá, sol, lá, si, dó. Grande alegria de Viloro. Olha para todos os lados timidamente mas cheio de alegria. Pela direita, entra Tasla, com a mesma bicicleta, o mesmo reboque e o mesmo condenado da primeira vez)

VILORO – *(Descobrindo Tasla)* – Ouve, Tasla. *(Toca rapidamente)* – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. O contentamento e a alegria de Tasla crescem à medida que Viloro toca as escalas)

TASLA – Como você conseguiu?

VILORO – *(Orgulhoso)* – Sou um sujeito formidável, não é verdade?

TASLA – Sim. Você é um sujeito excepcional! *(Viloro repara na presença de Paso)*

VILORO – É o mesmo ainda?

TASLA – Sim. Dizem que não o torturaram ainda o suficiente.

VILORO – E você é que o conduz à câmara de torturas?

TASLA – Sim. Foi o que me disseram para fazer. Com um pouco de sorte eles não o terão por muito tempo. Gostaria de levá-lo *(Indica à direita)* – ainda hoje mesmo.

VILORO – Claro, assim ficarás livre mais cedo. *(Pausa)* – Eles vieram e *(aponta os pés)* e me amarraram. Estás vendo?

TASLA – Nunca mais vão te deixar em paz?

VILORO – Bem sabes que não gostam que eu toque.

TASLA – Virá o dia em que seremos livres.

VILORO – *(Entusiasmado)* – Acreditas, Tasla?

TASLA – Acredito. E não terei que transportar condenados.

VILORO – Sim, nunca mais.

TASLA – E você poderá tocar piano todas as vezes que quiser.

VILORO – Sempre?

TASLA – Sempre e facilmente.

VILORO – Facilmente? *(pausa. Com orgulho)* –Verás que nessa altura serei um grande pianista. Chegarei mesmo a compor.

TASLA – Você também quer compor?

VILORO – Claro! Quero escrever uma canção para você. *(Ar envergonhado)* – Uma canção nova e original.

TASLA – Que ótimo.

VILORO – Já fiz a letra.

TASLA – *(Cheia de admiração)* – É mesmo?

VILORO – É. *(Pausa)* – Estou certo de que você vai gostar muito. Quer que eu cante?

TASLA – Lógico!

VILORO – Estou um pouco envergonhado.

TASLA – Vamos, vamos, não fique envergonhado. Se quiser, não olho para você.

VILORO – Está bem, não olhe para mim. *(Pausa)* – Põe a mão nos olhos. *(Tasla executa o gesto)* – Não estás vendo nada? Os olhos estão bem fechados?

TASLA – Estão, estão, vá, canta.

VILORO – *(Envergonhado)* – À luz do luar, minha Taslazinha taralálálá, tarálálálá. . .

TASLA – *(Entusiasmada)* – Que linda canção!

VILORO – Gosta?

TASLA – Oh, sim, muito, muito.

VILORO – *(Sério)* – Você me ama, Tasla?

TASLA – Amo, Viloro.

VILORO – Também te amo muito. *(pausa)* Faz uma canção para mim?

TASLA – Nas não tenho talento nenhum.

VILORO – Se quiseres posso te dar uma idéia. Ouve: à luz do lu. . . Isso não te diz nada?

TASLA – Vagamente. *(Com ar resoluto)* – À luz do luar, meu pequenino Viloro.

VILORO – Como a tua canção é linda! Você realmente tem inspiração! *(Pausa)* Mas podias fazer ainda melhor, ouve: "à luz do luar, meu grande Viloro."

TASLA – Ah, é, está realmente melhor.

VILORO – Como vês, tenho idéias.

TASLA – Sim, você é formidável.

VILORO – Não vai embora, Tasla, fica comigo.

TASLA – Impossível, Viloro. Bem sabes como eles são.

VILORO – Você vai pensar em mim.

TASLA – Sim.

VILORO – Vais fazer outros poemas para mim?

TASLA – Vou.

VILORO – Para cada chicotada que derem no condenado, você me manda um beijo.

TASLA – Está bem.

VILORO – Não vai esquecer?

TASLA – Não, Viloro.

VILORO – Não me trouxeste nenhum presente hoje?

TASLA – Trouxe, sim, Viloro. Te trouxe um penico.

VILORO – *(Muito contente)* – Um penico para mijar?

TASLA – Sim, para mijar. Como amarraram teus pés, isso vai te ser muito útil.

VILORO – Como você é boa. Pensa sempre em mim!

TASLA – E você o que vai me dar?

VILORO – Uma coisa muito bonita. *(Pega o balão azul e lhe dá)* Toma!

TASLA – Puxa, que surpresa, Viloro!

VILORO – Então, gostou?

TASLA – Gostei muito!

VILORO – Quando pudermos ir embora, seremos muito felizes.

TASLA – Extraordinariamente felizes.

VILORO – Mas será que podemos?

TASLA – Sim, havemos de poder. Mas agora tenho que ir embora.

VILORO – Não vai ainda. Eles ainda não se deram conta. *(Bruscamente)* Tasla, me diz, quando escaparmos, você me leva?

TASLA – Sim, te levo.

VILORO – Mas ouve, Tasla. Se você se cansar, posso te substituir de vez em quando e você irá sentada na gaiola.

TASLA – Como você é amável?

VILORO – E em todas as aldeias por onde passarmos tocaremos piano: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Sei tocar tão bem! Assim todas as pessoas que encontrarmos ficarão contentes.

TASLA – E depois. . . Se quiseres, poderás recitar o poema que escreveste para mim.

VILORO – Ah, sim, claro, o poema também.

TASLA – E dirás a toda a gente que o escreveste para mim?

VILORO – Claro.

TASLA – Ainda serás famoso!

VILORO – E compraremos soldados de chumbo para brincar.

TASLA – Sim.

VILORO – Sim.

VILORO – E Modess para quando estiveres menstruada?

TASLA – Sim, Viloro.

VILORO – Como vamos ser felizes! *(Silêncio)*

TASLA – Vou embora, Viloro.

VILORO – Adeus, Tasla. Não demora. Não esquece o balão.

TASLA – *(Segura o balão)* – Obrigado, Viloro, até logo. *(Tasla sai de bicicleta pelo lado esquerdo. Viloro fica só. Silêncio. Viloro toca piano com grande velocidade. – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Ar de vivo contentamento. Toca mais uma vez. – Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Longa pausa. Recomeça. Pára bruscamente. – Dó, si, lá, sol, ré. Trejeito de contrariedade. Recomeça: - Dó, si, lá, sol, fá, dó. Trejeito de contrariedade. Risos ao fundo. Viloro volta-se receosamente e encara os dois homens, que acabam de aparecer por detrás do muro. Os dois param imediatamente de rir e olham-se com ar sério. Silêncio. Ao lado dos dois homens aparece Paso.*

Paso ri descaradamente e aponta Viloro com o dedo e recomeçam a rir. Silêncio. Viloro toca mais uma vez. – Dó, si, lá, sol, fá, lá. Trejeito de contrariedade de Viloro. Os três homens riem ruidosamente e apontam Viloro com o dedo. Viloro não ousa sequer mexer-se. Baixa a cabeça. Os três homens apontam para ele desesperadamente, rindo sempre. Saem detrás do muro e, continuando a rir, avançam para Viloro, que se volta receosamente. Olha-os por um instante. Os homens ficam de pé. Sem se mexerem, com ar sério. Viloro baixa de novo a

cabeça. Os três homens começam a brincar de trem ao redor do piano. Paso é a locomotiva e os outros, os vagões. Riem os três e olham para Viloro que tem um ar amedrontado. Continuam a brincar de trem. Paso imitando os silvos. Os três rindo sempre, continuam a olhar para Viloro, que apavorado ergue a cabeça e olha para eles. Os três homens deixam de rir e olham-no com ar sério, sem se mexerem. Viloro baixa mais uma vez a cabeça com ar receoso. Os três recomeçam a brincar. Estão certamente cansados porque se sentam no chão olhando fixamente para Viloro. Silêncio prolongado.

Viloro olha para eles receosamente e baixa mais uma vez a cabeça. Imediatamente os três homens o apontam descaradamente com o dedo, rindo muito alto. Viloro olha outra vez para eles. Silêncio. Os outros continuam a rir indicando-o com o dedo. Silêncio.

Por detrás do muro aparece o braço duma mulher que segura na mão um grande balão azul. Os homens desviam o olhar para o muro. Paso não se interessa pelo espetáculo. Ouve-se atrás do muro o riso lascivo de uma mulher que começa a agitar o braço simultaneamente. Os dois homens olham. Paso não presta nenhuma atenção ao espetáculo. Os dois homens correm para o muro. O braço e o balão desaparecem. Os dois homens voltam a colocar-se junto de Paso. Silêncio.

Riso lascivo de mulher. Por detrás do muro aparece o braço nu e insinuante que agita o balão. Os dois homens olham. Eles tentam se levantar, mas Paso os retém. O jogo insinuante do braço continua. Ouve-se o riso lascivo. Os dois homens tentam ainda dirigir-se para o muro: Paso não deixa. Riso lascivo de mulher. A perna nua da mulher aparece segurando o balão com o pé. Riso lascivo. Nova tentativa dos dois homens para se aproximarem do muro. Aparecem as duas pernas nuas da mulher. Segura o balão com os pés. Riso lascivo. Suspiros amorosos. Os dois homens tentam atingir o muro. Paso os impede. Longo silêncio.

Expectativa: os dois homens olham para o muro. Paso desinteressa-se do espetáculo. Tasla aparece com o balão na mão e um vestido transparente, muito decotado e a saia arregaçada. Os dois homens olham para ela. Gestos de Tasla insinuantes e cheios de volúpia.

Riso lascivo. Viloro volta receosamente a cabeça para ela. Tasla deixa de rir e tenta pudicamente tapar as pernas nuas. Viloro baixa a cabeça. Silêncio.

Novo riso lascivo de mulher e novos gestos insinuantes e provocantes. Os dois homens olham, Paso, não. Tasla faz saltar o balão e quando o agarra estreita-o voluptuosamente. Os dois homens tentam levantar-se para se juntar a Tasla. Paso retém-nos com dificuldade. Tasla voluptuosamente ergue várias vezes o balão. Paso já não consegue reter os dois homens que se escapam e vão para junto de Tasla, que ao vê-los aproximar aperta com força o balão contra o peito. Os dois homens lançam-se sobre ela e fazem grandes esforços para lhe arrancar o balão. Tasla resiste. Caem os três no chão e ficam assim um bom tempo. Estão de tal modo envolvidos que já não se pode seguir bem o desenrolar da luta. Ouvem-se grunhidos.

Viloro volta a cara para eles com ar receoso. A luta cessa. Os três deitados no chão levantam a cabeça para olharem. Viloro com ar sério, que não os encara e baixa a cabeça. A luta recomeça. Ouvem-se grunhidos cada vez mais ofegantes. Continuam a revolver-se no chão, até que os dois homens conseguem apoderar-se do balão. Tasla fica deitada no chão, ofegante. Os dois homens brincam com o balão. Atiram-no um para o outro. Paso mistura-se ao jogo. Lançam o balão uns para os outros. Riem com ar feliz. Tasla levanta-se e se dirige para Paso estreitando-o com volúpia. Paso empurra-a . Um dos homens lança-se sobre Tasla. Rolam os dois pelo chão lascivamente. . . Durante esse tempo o outro homem joga o balão com Paso. Atiram-no agora por cima da cabeça de Viloro: um está à direita do piano, outro à esquerda. Atiram o balão e riem com ar feliz. À direita, Tasla e o homem espojados no chão e estreitamente enlaçados lançam grunhidos lascivos. Viloro olha receosamente para o balão que vai e vem por cima de sua cabeça. Paso e o outro homem deixam de brincar. Viloro olha-os e eles muito sérios olham para Viloro que timidamente baixa a cabeça.

O homem que estava com Tasla levanta-se e vai jogar balão com Paso e o outro companheiro. Jogam e riem. Tasla mais uma vez tenta abraçar Paso voluptuosamente – sempre que Paso passa perto de Tasla, esta dá-lhe uma palmada na bunda.

Paso empurra-a violentamente. O primeiro homem atira-se novamente sobre Tasla derrubando-a e ficam ambos deitados no chão de uma maneira obscena. O outro homem e Paso riem e jogam com ar feliz. Agora fazem passar o balão por cima de Viloro. Este olha-os. O mesmo jogo. O homem que estava deitado com Tasla levanta-se e vai jogar com Paso e o seu companheiro. Tasla tenta tocar no ventre de Paso ao mesmo tempo que lhe dá uma palmada na bunda. Paso afasta-a várias vezes enquanto joga com os outros dois. Estes seguram Tasla e levam-na à força para trás do muro. Tasla desaparece. Os dois homens correm para buscar o penico de Viloro. Voltam para o muro. O braço de Tasla aparece. Dão-lhe o penico. Os dois homens encostados ao muro (de costas para o público) observam o que se passa por trás do muro. Silêncio.

Ouve-se o barulho de alguém que urina demoradamente no penico. Viloro volta timidamente a cabeça. O ruído pára bruscamente. Ouve-se de novo o barulho. Os dois homens num silêncio absoluto continuam a olhar o que se passa atrás do muro. Paso fica só em cena. Faz saltar o balão várias vezes. Viloro volta-se para ele com ar decidido. Aponta-lhe o dedo e ri. Paso recua espantado e desaparece atrás do muro. Viloro envergonhado baixa a cabeça 1ª espera do castigo. Silêncio. Pausa longa. Viloro olha com receio a sua volta. Viloro toca piano.

- *Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó.*

Pára bruscamente, depois continua a tocar.

- *Dó, si, lá, sol, fá, lá.*

Gesto de contrariedade. Silêncio. Viloro tenta apanhar o balão, que Paso ao fugir abandonou junto ao muro. Cai, as pernas estão entravadas pelas algemas. Tenta ainda caminhar. Cai. Ao cair no chão atinge o balão. Agarra-o e fá-lo saltar. Volta para o piano arrastando-se pelo chão. Coloca o balão no piano. Dá a volta ao piano, apoiando nele. Ar de contentamento. Senta-se em frente ao piano. Silêncio. Toca de novo.

- *Dó, si, lá, sol, fá, mi, dó.*

Trejeito de contrariedade. Toca:

- *Dó, si, sol, fá, mi, ré, lá.*

Trejeito de contrariedade. Continua a tocar.

- *Dó, si, lá, fá, mi, ré, sol.*

Enquanto ele tocava, apareceram à direita Paso e os dois homens. Colocam-se atrás de Viloro. Este parece não ter dado por nada. Prepara-se para tocar. Paso tosse. Silêncio.

Viloro ergue timidamente a cabeça. Olha os três homens, que também olham para ele, depois baixa a cabeça. Silêncio)

PASO – Continuas? *(Silêncio. Viloro baixa a cabeça ainda mais. Nunca teve a cabeça tão inclinada)*

PASO – Levanta. *(Viloro levanta-se rapidamente)*

PASO – *(para o segundo homem)* – Põe-lhe as algemas! *(Este executa, amarra as mãos de Viloro)*

PASO – *(Para Viloro)* – Sabes muito bem que não tens o direito de tocar piano. *(Silêncio. Viloro baixa timidamente a cabeça)* – Dá próxima vez será pior.

Silêncio. Os três homens saem pela direita. Pausa demorada. Viloro olha para todos os lados. Tenta tocar com as mãos algemadas. Martela com as mãos ao piano. Silêncio. Levanta-se de novo com muita precaução. Grande satisfação. Caminha. Cai. Pausa. Arrasta-se pelo chão com relativa facilidade. Pausa. Contentamento. Atinge o piano. Levanta-se. Dá a volta ao piano apoiado nele. Grande alegria. Senta-se. Com as mãos amarradas toca piano com um dedo. Com grande dificuldade. Toca:

- *Dó, ré, mi, sol, lá, si, dó, dó, si, lá, sol, mi, ré, dó.*

Muito contente, Viloro toca ainda:

- *Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá, sol, fá, mi, ré, dó.*

Recomeça a tocar cheio de alegria e muito depressa:

- *Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si dó, si, lá, sol, fá, mi, ré, dó.*

(Cheio de alegria. Recomeça três vezes, sem parar. Tasla entra pela esquerda. Transporta Paso que está na gaiola. Grande alegria de Viloro quando repara em Tasla)

VILORO – Não vais acreditar.

TASLA – O quê?

VILORO – Ouve. *(Com as mãos amarradas toca com um ar muito feliz)*

- *Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, si, lá, sol, fá, mi, ré, dó.*

TASLA – *(Entusiasmada)* – Você é um sujeito formidável! Fez um progresso espantoso.

VILORO – Mesmo com as mãos algemadas!

TASLA – E ainda por cima com as mãos algemadas.

VILORO – Você já deu conta que eu sou um sujeito espantoso?

TASLA – Sim, Viloro. *(Pausa)* – Eles te algemaram as mãos?

VILORO – Sim. Mas você sabe que eu posso andar me arrastando.

TASLA – Verdade?

VILORO – É.

TASLA – Você é muito corajoso.

VILORO – *(indicando Paso)* – Já acabaram de torturá-lo?

TASLA – Sim, acredito que sim.

VILORO – *(Com os olhos muito abertos)* – E cada vez que o torturavam, você pensava em mim?

TASLA – Sim, Viloro, pensava em você.

VILORO – *(Num sobressalto)* – Pensavas em mim como? *(desconfiado)* Não é verdade.

TASLA – É verdade, Viloro.

VILORO – Você é uma moça verdadeiramente inteligente: chega mesmo a pensar.

TASLA – *(Envergonhada)* – Bom. . . Nem por isso.

VILORO – Bateram muito nele?

TASLA – Muito, mas cada vez que lhe batiam, ele botava a língua para os carrascos.

VILORO – Atreveu-se?

TASLA – E não ficou só nisso.

VILORO – Tentou fugir também?

TASLA – Não. Não chegou a tanto. Não mexeu um dedo durante todo o tempo. Estava dobrado sobre si mesmo. Embora nunca deixasse de botar a língua para os carrascos. Ouvi mesmo chamar-lhes "repugnantes".

VILORO – E eles ouviram?

TASLA – Não, felizmente para ele.

VILORO – É um condenado. Não é realmente um santinho.

TASLA – É isso, temos que reconhecer.

VILORO – E a você, nunca pôs a língua?

TASLA – Não. *(Paso, o condenado, que até aqui tinha estado imóvel, ergue-se de repente e põe desaforadamente a língua para Tasla e faz-lhe piruetas com a mão no nariz. Esta vira-lhe as costas, não dando por nada, assim como Viloro que na posição em que está não pode ver o condenado)*

VILORO – Pois bem, pode se dizer que tens tido sorte.

TASLA – Sim, é verdade, desde que o entregaram que ele está sossegado ali dentro.

VILORO – Achas que ele tentaria fugir?

TASLA – Na presença dos carrascos não, mas agora, se pudesse, não hesitaria. É um bom ponto, mas a gaiola é sólida. *(Paso abre a porta da gaiola. Põe a cabeça de fora e faz muitas piruetas com as mãos no nariz para Tasla e toca-lhe a bunda de leve. Tasla, inconscientemente, sacode a mão de Paso, como se se tratasse de uma mosca)*

VILORO – Vai levá-lo agora lá para baixo? *(Aponta para a direita)*

TASLA – Sim. Vão matá-lo. *(Paso fecha a porta da gaiola e, como a princípio, parece mais adormecido)*

VILORO – E depois, vais ficar livre?

TASLA – Sim, se não tiver outra coisa para fazer.

VILORO – E virás ver-me?

TASLA – Claro, Viloro.

VILORO – Sabe, Tasla, te arranjei um presente que vai deixar você espantada.

TASLA – Eu também trouxe um presente que vai deixar você admirado.

VILORO – Adivinha qual é o meu presente.

TASLA – Não sei. *(Pausa. Pensa. De repente)* – Um penico.

VILORO – Não, não. *(Muito contente)* – Já sabia que ia te fazer uma surpresa. É exatamente o contrário. Vê se adivinha.

TASLA – Não consigo.

VILORO – Confessa que não adivinha?

TASLA – Confesso.

VILORO – Pois bem, é um balão azul. *(Tasla e Viloro olham um para o outro, entusiasmados)*

TASLA – Como você queria que eu adivinhasse isso?

VILORO – Vê como te amo. *(Mostra-lhe o balão que está em cima do piano)* – Pega. É teu.

TASLA – Posso brincar com ele?

VILORO – Sim. Se quiseres.

TASLA – *(Fazendo saltar o balão)* – É formidável.

VILORO – É preciso aprender a fazê-lo saltar bem para mostrarmos as nossas habilidades quando passarmos os dois pelas aldeias.

TASLA – Como?

VILORO – Muito simples. Jogas para o alto e tornas a apanhá-lo. Vais ver como é bonito.

TASLA – Conseguirei aprender?

VILORO – Evidentemente. Você é muito habilidosa. Para você, que até é capaz de pensar, isso não tem dificuldade nenhuma.

TASLA – Você me ensina como é?

VILORO – Claro. E para que o número tenha ainda mais sucesso, enquanto jogas o balão, eu tocarei dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó.

TASLA – *(De repente)* – Garanto que não consegues adivinhar o que é o meu presente.

VILORO – Não sou. *(Reflete. De repente)* Já sei: um balão azul.

TASLA – Não, não é. *(Muito contente)* – Já sabia que ia te fazer uma surpresa. É exatamente o contrário, adivinha?

VILORO – Não.

TASLA – Confessa que não é capaz de adivinhar?

VILORO – Confesso.

TASLA – Pois bem, é um penico.

VILORO – Como você queria que eu adivinhasse uma coisa dessas? *(Os dois riem muito entusiasmados)*

TASLA – Viloro, tenho que ir embora. Preciso levar o condenado.

VILORO – Não te demores.

TASLA – Volto logo.

VILORO – Bom, então até logo.

TASLA – Até logo, Viloro. *(Tasla sai pela direita, montada na bicicleta. Viloro fica só. Toca piano:*

- Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá sol, fá, mi, ré, dó.

Vivo contentamento de Viloro. Barulho ao fundo. Entra em cena, pelo lado do muro, o homem número um que cai de costas. O homem número dois atira-se sobre ele. O combate é violento, mas os dois adversários não se mexem. Tasla, seminua, aparece por trás do muro. Segue o combate com ar voluptuoso. Riso lascivo. Aproxima-se dos dois homens que se batem. Dá-lhes palmadas na bunda e acaricia-os nas costas com volúpia. O combate continua. Tasla abraça-os no pescoço e nas pernas. O homem número um fica no chão. O número dois aproxima-se de Tasla, abraça-a fogosamente e a acaricia. O homem número um dá um violento soco nos dois. Riso lascivo de Tasla. O homem número dois cai e fica estendido no chão sem poder sequer se mexer. O homem martela-lhe a cabeça com o pé. Riso lascivo de Tasla. O homem número um lança-se sobre ela, abraça-a, rebola com ela pelo chão e acaricia-a . Paso aparece por trás do muro. Olha para eles.

O homem número um cheio de solicitude aproxima-se do número dois. Trata-o com muita atenção. Limpa-lhe o sangue, abraça-o com ternura. Reconforta-a . O homem número dois recupera pouco a pouco a consciência. Beija fervorosamente as mão do número um. Prodigalizam um ao outro cuidados e manifestam calorosamente a sua recíproca afeição. Paso aproxima-se de Tasla, que se afasta dele com irritação. Paso aproxima-se novamente dela e lhe belisca as nádegas. Tasla se afasta violentamente dele. Viloro de repente olha para o grupo. Olham-no todos com ar sério. Viloro baixa timidamente a cabeça. Eles riem apontando-lhe o dedo descaradamente. Os dois homens continuam a acarinhar-se.

Paso tenta agarrar Tasla e beliscá-la. Tasla escapa. Paso persegue-a . Correm à volta do piano. Fazem fintas. Param indecisos em frente um do outro de cada lado do piano. Viloro levanta a cabeça e os olha. Tasla e Paso olham-no com ar sério. Viloro baixa a cabeça.

Paso e Tasla continuam a correr ao redor do piano. Paso consegue agarrá-la. Rebola com ela pelo chão. Tasla consegue escapar. Ela dá-lhe um pontapé na cabeça. Paso fica no chão aturdido. Tasla escapa, sai e desaparece por detrás do muro. Pausa demorada. Paso continua no chão e os dois homens na mútua troca de ternuras

Tasla aparece por detrás do muro com o peito desnudado, dando a impressão de que está nua. Chama pelos dois homens com volúpia. Os dois levantam-se e olham-na com concupiscência. Tasla faz um gesto provocante para os convidar a se aproximar. Os dois correm. Saem e desaparecem por detrás do muro. Compreende-se que eles se lançaram sobre Tasla. Riso lascivo desta. Grunhidos obscenos dos dois homens. Não se vê nada do que eles fazem porque estão escondidos atrás do muro. Paso com dificuldade consegue por-se de pé. Olha a sua volta. Viloro volta-se para ele com ar decidido. Aponta-o com o dedo e ri. Paso recua espantado. Desaparece por detrás do muro. Viloro, envergonhado, baixa a cabeça esperando o castigo. Silêncio. Pausa demorada. Viloro olha receosamente à sua volta e toca piano – com as mãos atadas.

- Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá sol, fá, mi, ré, dó.

Para bruscamente para depois recomeçar a tocar:

- Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá sol, fá, mi, ré, dó.

Viloro toca no penico com as mãos algemadas. Olha-o atentamente e acaricia-o . Recomeça a tocar piano.

- *Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, si, lá sol, fá, mi, ré, dó.*

(Sem fazer nenhuma pausa recomeça a tocar a mesma coisa três vezes. Pausa. Toca várias vezes a mesma coisa, cada vez mais depressa. Enquanto ele toca, Paso e os dois homens entram e colocam-se atrás de Viloro que continua a tocar com um frenesi crescente. Paso tosse. Viloro continua a tocar)

PASO – Levanta! *(Viloro toca cada vez mais depressa)*

PASO – Levanta! *(Viloro continua a tocar. Paso lança-se sobre ele e o assassina pelas costas. Viloro cai morto sobre o piano. Silêncio. Os dois homens olham para Viloro. Paso também. Ouvem-se risos ao fundo. Não se vê ninguém, mas são os mesmos risos de quando os homens estavam atrás do muro. Silêncio. Ouvem-se agora ao fundo o riso de Tasla. Paso e os dois homens que se encontram junto de Viloro olham-no, pelo contrário, com um profundo respeito)*

PASO – *(Para o homem número um)* – Diga a ela que venha buscar o corpo. *(O homem número um sai pela direita. Paso e o outro saem pela esquerda. Silêncio demorado. Tasla, montada na bicicleta, entra pela direita. À maneira de reboque trás um caixão. Tasla põe amorosamente Viloro no caixão. Tasla deixa o balão azul – que estava preso ao seu porta bagagens – sobre o piano. Tasla, antes de fechar o caixão abraça amorosamente a Viloro. Tasla sai pela direita com a bicicleta e o caixão. Silêncio prolongado. Ouvem-se risos de crianças. O balão começa a subir lentamente e desaparece no ar. Durante esse tempo ouve-se cada vez mais alto os risos infantis muito puros e, ao fundo, as escalas tocadas ao piano e perfeitamente executadas)*

FIM